

PAPA FRANCISCO

A IGREJA  
DA  
MISERICÓRDIA

Minha visão para a Igreja



Organização  
GIULIANO VIGINI

09 81 81 81

Copyright © 2014 by Periodici San Paolo s.r.l.  
Via Giotto, 36 — 20145 Milano  
www.famigliacristiana.it

Copyright © 2014 by Edizioni San Paolo s.r.l.  
Piazza Soncino, 5 — 20092 Cinisello Balsamo (Milano)  
www.edizionisanpaolo.it

Copyright © 2014 by Libreria Editrice Vaticana  
00120 Città del Vaticano  
www.libreriaeditricevaticana.com

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL La Chiesa della misericordia  
RESPONSÁVEL PELA EDIÇÃO Diego F. Rosemberg  
CAPA Alceu Chiesorin Nunes  
PREPARAÇÃO Quezia Cleto  
TRADUÇÃO DO PREFÁCIO Cristina Mariani  
REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Francisco, Papa

A Igreja da Misericórdia : minha visão para a Igreja /  
Papa Francisco ; organização Giuliano Vignini ; [tradução  
do prefácio Cristina Mariani]. — 1ª ed. — São Paulo :  
Paralela, 2014.

Título original: La Chiesa della misericordia.  
ISBN 978-85-65530-62-0

1. Catolicismo 2. Cristianismo 3. Evangelização  
4. Igreja Católica 5. Misericórdia I. Vignini, Giuliano.  
II. Título.

14-02179

CDD-269.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Evangelização : Cristianismo 269.2

[2014]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
www.editoraparalela.com.br  
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

# Sumário

Prefácio .....	7
1. A novidade de Cristo .....	11
O abraço da misericórdia de Deus .....	11
A luz da fé .....	14
A mensagem cristã .....	15
A revolução da liberdade .....	17
Estar com Cristo .....	19
2. Uma Igreja pobre para os pobres .....	25
Ouvir o clamor dos pobres .....	25
Casa de comunhão .....	27
Casa que acolhe a todos .....	30
Casa da harmonia .....	33
Enviada para levar o Evangelho a todo o mundo .....	35
3. Em sintonia com o Espírito .....	39
Ser guiado pelo Espírito Santo .....	39
Novidade, harmonia, missão .....	42
4. O Anúncio e o testemunho .....	47
Não ter medo .....	47
Levar a Palavra de Deus .....	48

Chamados para anunciar o Evangelho .....	51
Comunicar esperança e alegria .....	54
Entregar tudo .....	56
5. Cristãos o tempo todo .....	59
Sairmos de nós mesmos .....	59
Caminhar .....	62
Tomar a cruz .....	63
Evangelizar .....	66
6. Pastores com o cheiro das ovelhas .....	69
O que significa ser pastor .....	69
Sacerdotes para servir .....	73
Levar a unção ao povo .....	75
7. A escolha dos últimos .....	79
A periferia da existência .....	79
Acolher e servir .....	81
Os refugiados .....	82
A amplitude da solidariedade .....	84
8. Demolir os ídolos .....	87
A lógica do poder e da violência .....	87
Culto ao deus do dinheiro .....	88
A lepra do carreirismo .....	90
Despojar o espírito do mundo .....	90
9. A cultura do bem .....	93
Liberdade para escolher o bem .....	93
Fome de dignidade .....	95
Compromisso com a paz .....	97
Por uma nova solidariedade .....	98
10. Maria, mãe da evangelização .....	101
O seu exemplo .....	101
A sua fé .....	103
A sua intercessão .....	106
Sobre o Papa Francisco .....	111
Notas .....	115

Todos esses conceitos, muitas vezes reiterados e ilustrados com extensão e eficácia sintética também na Exortação *Evangelii gaudium*, indicam uma postura que assume novos horizontes prioritários do caminho da Igreja e, para isso, remove certos compromissos pastorais. Nesse esforço, é o próprio papa, com a sua palavra e o seu exemplo, que assume a liderança e indica o novo ritmo, dia após dia, o que é cada vez mais urgente.

O seu objetivo é fazer com que as pessoas entendam que não pode haver cristianismo autêntico e crível, vivido segundo o espírito do Evangelho, se a realidade do indivíduo e da comunidade cristã é representada por uma fé adormecida e cansada, sem batimento vital; se estiver estagnado dentro das paredes do coração ou dos templos; se a Igreja adoece ou envelhece, porque está muito habituada a olhar dentro de si mesma em vez de abrir as portas e enfrentar os desafios do mundo, mesmo com o risco de queda ou de sofrer algum incidente de percurso. A partir daí, o seu incessante apelo é para eliminar a burocracia e a impureza, a hipocrisia e as omissões que comprometem a credibilidade do testemunho cristão, e, ao mesmo tempo, a sua vontade de reformar e renovar as estruturas da Igreja para torná-las mais adequadas para os seus objetivos e para as funções que devem ser executadas.

Em essência, trata-se de purificar, renovar e revitalizar a vida da Igreja, com discernimento eclesial e pastoral que permitirá recuperar a essência do seu mandato missionário, iluminado pelo Espírito Santo e com a intercessão de Maria, mãe da evangelização.

*Giuliano Vigini*

# 1

## A novidade de Cristo

### O ABRAÇO DA MISERICÓRDIA DE DEUS

A *misericórdia* de Deus: como é bela essa realidade da fé para a nossa vida! Como é grande e profundo o amor de Deus por nós! É um amor que não falha, que sempre segura a nossa mão, nos sustenta, levanta e guia.

No Evangelho de João,<sup>1</sup> o apóstolo Tomé experimenta precisamente a misericórdia de Deus, que tem um rosto concreto: o de Jesus, de Jesus Ressuscitado. Tomé não confia nos demais apóstolos, quando lhe dizem: “Vimos o Senhor”; para ele, não é suficiente a promessa de Jesus que havia anunciado: ao terceiro dia ressuscitarei. Tomé quer ver, quer colocar a sua mão no sinal dos cravos e no peito. E qual é a reação de Jesus? A *paciência*: Jesus não abandona Tomé relutante na sua incredulidade; dá-lhe uma semana de tempo, não fecha a porta, espera. E Tomé acaba por reconhecer a sua própria pobreza, a sua pouca fé. “Meu Senhor e meu Deus”: com essa invocação simples, mas cheia de fé, responde à paciência de Jesus. Deixa-se envolver pela misericórdia divina, vê-a a sua frente, nas feridas das mãos e dos pés, no peito aberto, e readquire a confiança: é um homem novo, já não incrédulo mas crente.

Recordemos também o caso de Pedro: por três vezes renega Jesus, precisamente quando Lhe devia estar mais unido; e, quando chega ao fundo, encontra o olhar de Jesus que, com paciência e sem palavras, lhe diz: “Pedro, não tenhas medo da tua fraqueza, confia em Mim”. E Pedro compreende, sente o olhar amoroso de Jesus e chora... Como é belo esse olhar de Jesus! Quanta ternura! Irmãos e irmãs, não percamos jamais a confiança na paciente misericórdia de Deus!

Pensemos nos dois discípulos de Emaús: o rosto triste, passos vazios, sem esperança. Mas Jesus não os abandona: percorre juntamente com eles a estrada. E não só; com paciência, explica as Escrituras que a Si se referiam e para na casa deles, partilhando a refeição. Este é o estilo de Deus: não é impaciente como nós, que muitas vezes queremos tudo e imediatamente, mesmo quando se trata de pessoas. Deus é paciente conosco, porque nos ama; e quem ama compreende, espera, dá confiança, não abandona, não derruba as pontes, sabe perdoar. Recordemos na nossa vida de cristãos: Deus sempre espera por nós, mesmo quando nos afastamos! Ele nunca está longe e, se voltarmos para Ele, está pronto para nos abraçar.

Causa-me sempre grande impressão a releitura da parábola do pai misericordioso; impressiona-me pela grande esperança que sempre me dá. Pensai naquele filho mais novo, que estava na casa do pai, era amado; e, todavia, deseja a sua parte da herança; abandona a casa, gasta tudo, chega ao nível mais baixo, mais distante do pai; e, quando tocou o fundo, sente saudades do calor da casa paterna e regressa. E o pai? Teria ele esquecido o filho? Não, nunca! Está lá, avista-o ao longe, tinha esperado por ele todos os dias, todos os momentos: como filho, sempre esteve no seu coração, apesar de tê-lo deixado e malbaratado todo o patrimônio, isto é, a sua liberdade; com paciência e amor, com esperança e misericórdia, o pai não tinha deixado nem um instante sequer de pensar nele, e logo que o vê, ainda longe, corre ao seu encontro e o abraça com ternura – a ternura de Deus –, sem uma palavra de censura: voltou! Isso é a alegria do pai; naquele abraço ao filho, está toda essa alegria: voltou! Deus sempre espera por nós, não

se cansa. Jesus mostra-nos essa paciência misericordiosa de Deus, para sempre reencontrarmos confiança, esperança! Um grande teólogo alemão, Romano Guardini, dizia que Deus responde à nossa fraqueza com a sua paciência e isso é o motivo da nossa confiança, da nossa esperança.<sup>2</sup> É uma espécie de diálogo entre a nossa fraqueza e a paciência de Deus – um diálogo, que, se entrarmos nele, nos dá esperança.

Gostaria de sublinhar outro elemento: a paciência de Deus deve encontrar em nós *a coragem de regressar a Ele*, qualquer que seja o erro, qualquer que seja o pecado na nossa vida. Jesus convida Tomé a colocar a mão em suas chagas das mãos e dos pés e na ferida do peito. Nós também podemos entrar nas chagas de Jesus, podemos tocá-Lo realmente; isso acontece todas as vezes que recebemos, com fé, os Sacramentos. São Bernardo diz numa bela Homilia: “Por essas feridas [de Jesus], posso saborear o mel dos rochedos<sup>3</sup> e o azeite da rocha duríssima, isto é, posso saborear e ver como o Senhor é bom”.<sup>4</sup> É justamente nas chagas de Jesus que vivemos seguros, nelas se manifesta o amor imenso do seu coração. Tomé o compreendera. São Bernardo pergunta: Mas, com que poderei contar? Com os meus méritos? Todo “o meu mérito está na misericórdia do Senhor. Nunca serei pobre de méritos, enquanto Ele for rico de misericórdia: se são abundantes as misericórdias do Senhor, também são muitos os meus méritos”.<sup>5</sup> É importante a coragem de me entregar à misericórdia de Jesus, confiar na Sua paciência, refugiar-me sempre nas feridas do Seu amor. São Bernardo chega a afirmar: “E se tenho consciência de muitos pecados? ‘Onde abundou o pecado, superabundou a graça’”.<sup>6,7</sup> Talvez algum de nós possa pensar: o meu pecado é tão grande, o meu afastamento de Deus é como o do filho mais novo da parábola, a minha incredulidade é como a de Tomé; não tenho coragem para voltar, para pensar que Deus possa me acolher e esteja à espera precisamente de mim. Mas é precisamente por ti que Deus espera! Só te pede a coragem de ires ter com Ele. Quantas vezes, no meu ministério pastoral, ouvi repetir: “Padre, tenho muitos pecados”; e o convite que sempre fazia era este: “Não temas, vai ter com Ele, que está a tua espera; Ele



resolverá tudo”. Ouvimos tantas propostas do mundo ao nosso redor; mas nos deixemos conquistar pela proposta de Deus: a proposta Dele é uma carícia de amor. Para Deus, não somos números; somos importantes, somos o que Ele tem de mais importante; apesar de pecadores, somos aquilo que Lhe é mais caro.

## A LUZ DA FÉ

Por isso, urge recuperar o caráter de luz que é próprio da fé, pois, quando a sua chama se apaga, todas as outras luzes acabam também por perder o seu vigor. De fato, a luz da fé possui um caráter singular, sendo capaz de iluminar toda a existência do homem. Ora, para que uma luz seja tão poderosa, não pode brotar de nós mesmos; tem de vir de uma fonte mais originária, deve porvir, em última análise, de Deus. A fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos nos apoiar para construir solidamente a vida. Transformados por esse amor, recebemos olhos novos e experimentamos que há Nele uma grande promessa de plenitude e nos abre a visão do futuro. A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada, orientando os nossos passos no tempo. Por um lado, provém do passado: é a luz de uma memória basilar — a da vida de Jesus —, onde o seu amor se manifestou plenamente confiável, capaz de vencer a morte. Mas, por outro lado e ao mesmo tempo, dado que Cristo ressuscitou e nos chama de além da morte, a fé é luz que vem do futuro, que abre diante de nós horizontes grandes e nos leva a ultrapassar o nosso “eu” isolado abrindo-o à amplitude da comunhão. Desse modo, compreendemos que a fé não mora na escuridão, mas é uma luz para as nossas trevas.

A luz do amor, própria da fé, pode iluminar as perguntas do nosso tempo acerca da verdade. Muitas vezes, hoje, a verdade é reduzida à autenticidade subjetiva do indivíduo, válida apenas para a vida in-

dividual. Uma verdade comum nos dá medo, porque a identificamos com a imposição intransigente dos totalitarismos; mas, se ela é a verdade do amor, se é a verdade que se mostra no encontro pessoal com o Outro e com os outros, então fica livre da reclusão no indivíduo e pode fazer parte do bem comum. Sendo a verdade de um amor, não é verdade que se impõe pela violência, não é verdade que esmaga o indivíduo. Nascendo do amor pode chegar ao coração, ao centro pessoal de cada homem. Daqui resulta claramente que a fé não é intransigente, mas cresce na convivência que respeita o outro. O crente não é arrogante; pelo contrário, a verdade o torna humilde, sabendo que, mais do que possuí-la, é ela que nos abraça e possui. Longe de nos endurecer, a segurança da fé nos põe a caminho e torna possível o testemunho e o diálogo com todos.

#### A MENSAGEM CRISTÃ

No Evangelho da Vigília Pascal, encontramos em primeiro lugar as mulheres que vão ao sepulcro de Jesus levando perfumes para ungir o corpo Dele.<sup>1</sup> Elas vão cumprir um gesto de piedade, de afeto, de amor, um gesto tradicionalmente feito a um ente querido falecido, como nós também fazemos. Elas tinham seguido Jesus, ouviram-No, sentiram-se compreendidas na sua dignidade e acompanharam-No até o fim no Calvário e no momento em que desceram o seu corpo da cruz. Podemos imaginar os sentimentos delas enquanto caminham para o túmulo: tanta tristeza, tanta pena porque Jesus as deixara; morrera, a sua história terminara. Agora voltavam à vida que levavam antes. Contudo, nas mulheres, continuava o amor, e foi o amor por Jesus que as impelira a ir ao sepulcro. Mas, chegadas lá, verificam algo totalmente inesperado, algo de novo que lhes transforma o coração e os seus planos e subverterá a sua vida: veem a pedra removida do sepulcro, aproximam-se e não encontram o corpo do Senhor. O caso deixa-as perplexas, hesitantes, cheias de interroga-

ções: “Que aconteceu?”, “Que sentido tem tudo isto?”.<sup>2</sup> Porventura não se dá o mesmo também conosco, quando acontece qualquer coisa de verdadeiramente novo na cadência diária das coisas? Paramos, não entendemos, não sabemos como enfrentá-la. Frequentemente temos medo da *novidade*, incluindo a novidade que Deus nos traz, a novidade que Deus nos pede. Fazemos como os apóstolos, no Evangelho: muitas vezes preferimos manter as nossas seguranças, parar junto de um túmulo, com o pensamento num defunto que, no fim das contas, vive só na memória da história, como as grandes figuras do passado. Tememos as surpresas de Deus. Queridos irmãos e irmãs, na nossa vida, temos medo das surpresas de Deus! Ele não cessa de nos surpreender! O Senhor é assim.

Irmãos e irmãs, não nos fechemos à novidade que Deus quer trazer à nossa vida! Muitas vezes sucede que nos sentimos cansados, desiludidos, tristes, sentimos o peso dos nossos pecados, pensamos que não conseguiremos. Não nos fechemos em nós mesmos, não percamos a confiança, não nos demos jamais por vencidos: não há situação que Deus não possa mudar; não há pecado que não possa perdoar, se nos abirmos a Ele.

Mas voltemos ao Evangelho, às mulheres, para vermos mais um ponto. Elas encontram o túmulo vazio, o corpo de Jesus não estava lá. Algo de novo acontecera, mas ainda nada de claro resulta de tudo aquilo: ele levanta questões, as deixa perplexas, sem oferecer uma resposta. E eis que aparecem dois homens em trajes resplandecentes, dizendo: “Por que buscais o Vivente entre os mortos? Não está aqui; ressuscitou!”.<sup>3</sup> E aquilo que começara como um simples gesto, certamente cumprido por amor — ir ao sepulcro —, transforma-se em acontecimento, e num acontecimento tal que muda verdadeiramente a vida. Nada mais permanece como antes, e não só na vida daquelas mulheres, mas também na nossa vida e na nossa história da humanidade. Jesus não é um morto, ressuscitou, é o *Vivente*! Não regressou simplesmente à vida, mas é a própria vida, porque é o Filho de Deus, que é o *Vivente*.<sup>4</sup> Jesus já não está no passado, mas vive no presente

e lança-Se para o futuro; Jesus é o “hoje” eterno de Deus. Assim se apresenta a novidade de Deus diante dos olhos das mulheres, dos discípulos, de todos nós: a vitória sobre o pecado, sobre o mal, sobre a morte, sobre tudo o que oprime a vida e lhe dá um rosto menos humano. E isso é uma mensagem dirigida a mim, a ti, amada irmã, a ti, amado irmão. Quantas vezes precisamos que o Amor nos diga: Por que buscais o Vivente entre os mortos? Os problemas, as preocupações de todos os dias tendem a nos fechar em nós mesmos, na tristeza, na amargura... e aí está a morte. Não procuremos aí o Vivente!

Aceita então que Jesus Ressuscitado entre na tua vida, acolhe-O como amigo, com confiança: Ele é a vida! Se até agora estiveste longe Dele, basta que tomes um pequeno passo e Ele te acolherá de braços abertos. Se fores indiferente, aceita arriscar: não ficarás desiludido. Se te parece difícil segui-Lo, não tenhas medo, te entrega a Ele, podes estar seguro de que Ele está perto de ti, está contigo e te dará a paz que procuras e a força para viver como Ele quer.

## A REVOLUÇÃO DA LIBERDADE

O apóstolo Paulo terminava um trecho da sua carta aos nossos antepassados, os Romanos, com estas palavras: já não estais sob a Lei, mas sob a graça. E esta é a nossa vida: caminhar sob a graça, porque o Senhor nos amou, nos salvou, nos perdoou. O Senhor fez tudo, e essa é a graça, a graça de Deus. Nós estamos no caminho, sob a graça de Deus, que veio entre nós, em Jesus Cristo que nos salvou. Mas isso nos abre para um horizonte grande, e é alegria para nós. “Já não estais sob a Lei, mas sob a graça.” Que significa este “viver sob a graça”? Procuraremos explicar algo do que significa viver sob a graça. É a nossa alegria, é a nossa liberdade. Nós somos livres. Por quê? Porque vivemos sob a graça. Já não somos escravos da Lei: somos livres porque Jesus Cristo nos libertou, nos deu a liberdade, aquela liberdade plena de filhos de Deus, que vivemos sob a graça. Isso é um tesouro.

Procurarei explicar um pouco este mistério tão bonito, tão grande: viver sob a graça! [...]

O batismo é o sacramento que nos faz passar de “sob a Lei” para “sob a graça”, é uma revolução. São tantos os revolucionários na história, foram tantos. Mas nenhum teve a força dessa revolução que nos trouxe Jesus: uma revolução para transformar a história, uma revolução que muda profundamente o coração do homem. As revoluções da história mudaram os sistemas políticos, econômicos, mas nenhuma delas modificou de verdade o coração do homem. A verdadeira revolução, que transforma radicalmente a vida, foi Jesus Cristo quem a realizou através da sua Ressurreição: a cruz e a Ressurreição. E Bento XVI dizia, dessa revolução, que “é a maior mudança da história da humanidade”. Mas pensemos nisto: é a maior mudança da história da humanidade, é uma verdadeira revolução, porque nós vamos por este caminho da maior mudança da história da humanidade. Um cristão, se não for revolucionário, neste tempo, não é cristão! Deve ser revolucionário pela graça! Precisamente a graça que o Pai nos dá através de Jesus Cristo crucificado, morto e ressuscitado nos torna revolucionários, porque — e cito de novo Bento XVI — “é a maior mudança da história da humanidade”. Porque muda o coração! O profeta Ezequiel dizia: “Arrancar-vos-ei o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne”. É esta a experiência que o apóstolo Paulo vive: depois de ter encontrado Jesus no caminho de Damasco, muda radicalmente a sua perspectiva de vida e recebe o batismo. Deus transforma o seu coração! Mas considerai: um perseguidor, um que perseguia a Igreja e os cristãos, se torna um santo, um profundo cristão, precisamente um cristão verdadeiro! Antes é um perseguidor violento, agora se torna um apóstolo, uma testemunha corajosa de Jesus Cristo, a ponto de não ter medo de sofrer o martírio. Aquele Saulo que queria matar quem anunciava o Evangelho, no final doa a sua vida para anunciar o Evangelho. Eis a transformação, a maior mudança da qual nos falava o papa Bento. Muda o teu coração de pecador — de pecador: todos somos pecadores — transforma-te em santo. Há algum de

nós que não é pecador? Se houver algum, que levante a mão! Todos somos pecadores, todos! Todos somos pecadores! Mas a graça de Jesus Cristo nos salva do pecado: nos salva! Todos, se aceitarmos a graça de Jesus Cristo, Ele muda o nosso coração e de pecadores nos torna santos. Para nos tornarmos santos não é necessário voltar os olhos para o alto, ou ter cara de santinho! Não, não, isso não é necessário! Uma só coisa é necessária para nos tornarmos santos: aceitar a graça que o Pai nos dá em Jesus Cristo. Eis, essa graça muda o nosso coração. Nós continuamos a ser pecadores, porque todos somos frágeis, mas também com essa graça que nos faz sentir que o Senhor é bom, que o Senhor é misericordioso, que o Senhor nos espera, que o Senhor nos perdoa, essa graça grande, que muda o nosso coração.

## ESTAR COM CRISTO

Eu vou falar de três pontos: um, dois e três, como faziam os antigos jesuítas... um, dois e três!

Antes de tudo, recomeçar com Cristo significa *cultivar a familiaridade com Ele*, ter esta familiaridade com Jesus: Jesus recomenda, com insistência, aos discípulos na Última Ceia, quando Se prepara para viver o dom mais sublime de amor, o sacrifício da cruz. Recorrendo à imagem da videira e dos ramos, Jesus diz: Permanecei no meu amor, permanecei ligados a mim, como o ramo está ligado à videira. Se estivermos unidos a Ele, podemos dar fruto, e essa é a familiaridade com Cristo. É permanecer em Jesus! Permanecer ligados a Ele, dentro Dele, com Ele, falando com Ele: permanecer em Jesus.

1. A primeira coisa necessária para um discípulo é estar com o Mestre, ouvi-Lo, aprender Dele. E isso é sempre válido, é um caminho que dura a vida inteira! Recordo que, na diocese (na outra diocese, que tinha antes), via muitas vezes, no fim dos cursos do seminário catequético, os catequistas saírem dizendo: “Tenho o título de catequista!”. Isso não adianta, não tens nada, fizeste apenas um

pedaço da estrada! Quem te ajudará? Isso, sim, que vale sempre! Não um título, mas um procedimento: estar com Ele; e dura toda a vida! É estar na presença do Senhor, deixar-se olhar por Ele. Pergunto-vos: Como estais na presença do Senhor? Quando ides ter com o Senhor, enquanto olhais o Sacrário, que fazeis? Sem palavras... Mas eu falo, falo, penso, medito, ouço... Muito bem! Mas tu... deixas-te olhar pelo Senhor? Sim, deixar-se olhar pelo Senhor. Ele olha-nos, e essa é uma maneira de rezar. Deixas-te olhar pelo Senhor? Mas, como se faz? Olhas para o Sacrário e deixas-te olhar... é simples! É um pouco maçante, adormeço... Se adormeceres, adormeces! Ele te olhará igualmente, te olhará igualmente. Mas, teres a certeza de que Ele te olha é muito mais importante do que o título de catequista: faz parte do ser catequista. Isso inflama o coração, mantém aceso o fogo da amizade com o Senhor, te faz sentir que Ele verdadeiramente olha para ti, está perto de ti e te ama. Numa das saídas que tive, aqui em Roma, por ocasião de uma Missa, aproximou-se um senhor, relativamente jovem, e me disse: “Padre, prazer em conhecê-lo; mas eu não acredito em nada! Não tenho o dom da fé!” Ele entendia que a fé era um dom. “Não tenho o dom da fé! Que me recomenda o senhor?” “Não desanimes! Deus te ama. Deixa-te olhar por Ele. E basta.” O mesmo vos digo: Deixai-vos olhar pelo Senhor! Compreendo que, para vós, não é tão simples: especialmente para quem é casado e tem filhos, é difícil encontrar um tempo longo de tranquilidade. Mas, graças a Deus, não é necessário que todos façam da mesma maneira; na Igreja, há variedade de vocações e variedade de formas espirituais; o importante é encontrar o modo adequado para *estar com o Senhor*; e isso pode acontecer, é possível em todos os estados de vida. Neste momento, cada um pode interrogar-se: Como é que eu vivo este “estar” com Jesus? Essa é uma pergunta que vos deixo: “Como é que eu vivo esse estar com Jesus, esse permanecer em Jesus?”. Tenho momentos em que permaneço na sua presença, em silêncio, e me deixo olhar por Ele? Deixo que o seu fogo inflame o meu coração? Se, no nosso coração, não há o calor de Deus,

do seu amor, da sua ternura, como podemos nós, pobres pecadores, inflamar o coração dos outros? Pensai nisso!

2. O segundo elemento é este — dois — *recomeçar de Cristo* significa *imitá-Lo ao sair de Si mesmo para ir ao encontro do outro*. Trata-se de uma experiência maravilhosa, embora um pouco paradoxal. Por quê? Porque, quem coloca Cristo no centro da sua vida, descentraliza-se! Quanto mais te unes a Jesus e Ele Se torna o centro da tua vida, tanto mais Ele te faz sair de ti mesmo, te descentraliza e abre aos outros. Esse é o verdadeiro dinamismo do amor, esse é o movimento do próprio Deus! Sem deixar de ser o centro, Deus é sempre dom de si, relação, vida que se comunica... E assim nos tornamos também nós, se permanecermos unidos a Cristo, porque Ele nos faz entrar nesse dinamismo do amor. Onde há verdadeira vida em Cristo, há abertura ao outro, saímos de nos mesmos para ir ao encontro do outro no nome de Cristo. E o trabalho do catequista é este: por amor, sair continuamente de si mesmo para testemunhar Jesus e falar de Jesus, anunciar Jesus. Isso é importante, porque é obra do Senhor: é precisamente o Senhor que nos impele a sair.

O coração do catequista vive sempre este movimento de “sístole-diástole”: união com Jesus — encontro com o outro. Existem as duas coisas: eu me uno a Jesus e saio ao encontro dos outros. Se falta um desses dois movimentos, o coração deixa de bater, não pode viver. Recebe em dom o querigma e, por sua vez, o oferece em dom. Importante esta palavrinha: dom! O catequista está consciente de que recebeu um dom: o dom da fé; e dela faz dom aos outros. Isso é maravilhoso! E não reserva uma porcentagem para si! Tudo aquilo que recebe, dá. Aqui não se trata de um negócio! Não é um negócio! É puro dom: dom recebido e dom transmitido. E o catequista está ali, nessa encruzilhada de dom. Isso está na própria natureza do querigma: é um dom que gera missão, que impele sempre para além de si mesmo. São Paulo dizia: “O amor de Cristo nos impele”; mas essa expressão “nos impele” também se pode traduzir por “nos possui”. É assim o amor: atrai e envia, toma e dá aos outros. É nessa tensão que



se move o coração do cristão, especialmente o coração do catequista. Perguntemos todos: É assim que bate o meu coração de catequista: união com Jesus e encontro com o outro? Com esse movimento de “sístole e diástole”? Alimenta-se na relação com Ele, mas para O levar aos outros e não para O reter? Eis o que vos digo: Não compreendo como possa um catequista ficar parado, sem esse movimento. Não compreendo!

3. E o terceiro elemento — três — se situa também nessa linha: *recomeçar de Cristo* significa *não ter medo de ir com Ele para as periferias*. Isso me traz à mente a história de Jonas, uma figura muito interessante, especialmente nos nossos tempos de mudanças e incerteza. Jonas é um homem piedoso, com uma vida tranquila e bem ordenada; isso o leva a ter bem claros os seus preconceitos e a julgar rigidamente tudo e todos segundo esses preconceitos. Vê tudo claro, a verdade é essa. É rígido! Por isso, quando o Senhor o chama e diz para ir pregar à grande cidade pagã de Nínive, Jonas não quer. Ir lá! Mas eu tenho toda a verdade aqui! Não quer ir... Nínive está fora dos seus conceitos, está na periferia do seu mundo. Então escapa, vai para a Espanha, foge, embarca num navio que vai para aqueles lados. Ide ler o Livro de Jonas! É breve, mas é uma parábola muito instrutiva, especialmente para nós que estamos na Igreja.

O que ele nos ensina? Ensina-nos a não ter medo de sair dos nossos preconceitos para seguir a Deus, porque Deus sempre vai além. Sabeis uma coisa? Deus não tem medo! Sabeis isso?! Não tem medo! Ultrapassa sempre os nossos esquemas! Deus não tem medo das periferias. Se fordes às periferias, O encontrareis lá. Deus é sempre fiel, é criativo. Mas, por favor, não se permita um catequista que não seja criativo. A criatividade é como que a coluna de ser catequista. Deus é criativo, não se fecha, e por isso nunca é rígido. Deus não é rígido! Acolhe-nos, vem ao nosso encontro, compreende-nos. Para sermos fiéis, para sermos criativos, é preciso saber mudar. Saber mudar. E por que devo mudar? É para me adequar às circunstâncias em que devo anunciar o Evangelho. Para permanecermos com Deus, é preciso

saber sair, não ter medo de sair. Se um catequista se deixa tomar pelo medo, é um covarde; se um catequista se fecha tranquilo, acaba por ser uma estátua de museu: e temos muitos! Temos muitos! Por favor, estátuas de museu, não! Se um catequista é rígido, se torna enrugado e estéril. Pergunto-vos: Alguém de vós quer ser covarde, estátua de museu ou estéril? Algum de vós tem vontade de o ser? Não? Tem certeza? Está bem! Aquilo que vou dizer agora, já disse muitas vezes; mas sinto no coração que o devo dizer. Quando nós, cristãos, estamos fechados no nosso grupo, no nosso movimento, na nossa paróquia, no nosso ambiente, permanecemos fechados; e nos acontece o que sucede a tudo aquilo que está fechado: quando um quarto está fechado, começa a cheirar a mofo. E se uma pessoa está fechada naquele quarto, adocece! Quando um cristão está fechado no seu grupo, na sua paróquia, no seu movimento, está fechado, adocece. Se um cristão sai pelas estradas, vai às periferias, pode acontecer o mesmo que a qualquer pessoa que anda na estrada: um acidente. Quantas vezes vimos acidentes nas estradas! Mas eu digo: prefiro mil vezes uma Igreja acidentada a uma Igreja doente! Prefiro uma Igreja, um catequista que corra corajosamente o risco de sair, que um catequista que estude, saiba tudo, mas sempre fechado: este está doente. E às vezes está doente da cabeça...

Atenção, porém! Jesus não diz: Ide, arranjai-vos. Não, não diz isso! Jesus diz: Ide, Eu estou convosco! Nisso está o nosso encanto e a nossa força: se formos, se sairmos para levar o seu Evangelho com amor, com verdadeiro espírito apostólico, com franqueza, Ele caminha conosco, nos precede — digo-o em espanhol —, nos *primerea*. O Senhor sempre nos *primerea*! Decerto já aprendestes o significado dessa palavra! E isso é a Bíblia que o diz, não eu. A Bíblia diz, ou melhor, o Senhor diz na Bíblia: Eu sou como a flor da amendoeira. Por quê? Porque é a primeira flor que desabrocha na primavera. Ele é sempre o *primero*! Ele é o primeiro! Para nós, isto é fundamental: Deus sempre nos precede! Quando pensamos que temos de ir para longe, para uma periferia extrema, talvez nos assalte um pouco de medo; mas, na realidade, Ele já está lá: Jesus nos espera no coração daquele irmão, na

sua carne ferida, na sua vida oprimida, na sua alma sem fé. Vós sabeis de uma das periferias que me faz tão mal, tão mal que me faz doer? Senti na diocese que tinha antes. É a das crianças que não sabem fazer o sinal da cruz. Em Buenos Aires, há muitas crianças que não sabem fazer o sinal da cruz. Essa é uma periferia! É preciso ir lá! E Jesus está lá, espera por ti para ajudares aquela criança a fazer o sinal da cruz. Ele sempre nos precede.

Amados catequistas, acabaram-se os três pontos. Recomeçar sempre de Cristo! Agradeço-vos pelo que fazeis, mas, sobretudo, porque estais na Igreja, no Povo de Deus em caminho, porque caminhais com o Povo de Deus. Permanecemos com Cristo — permanecer em Cristo —, procuremos cada vez mais ser um só com Ele; sigamo-Lo, imitemos o Seu movimento de amor, o Seu sair ao encontro do homem; e saíamos, abramos as portas, tenhamos a audácia de traçar estradas novas para o anúncio do Evangelho.